

05º CONCURSO FNLIJ/INBRAPI TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS – 2008

Vencedor:

“KALI E TAIWANO NO MUNDO ENCANTADO DAS ÁGUAS”

Autora: Rosilene Fonseca Pereira, do Povo Indígena Piratapuya
São Gabriel da Cachoeira – Manaus-AM

Kali era uma moça muito bonita que vivia ao lado de seus pais no Mundo Encantado das Águas, um lugar onde não existia pobreza ou tristeza, reinando apenas paz e tranqüilidade.

Um dia, Kali resolveu sair de seu misterioso país mágico e falou para seus pais sobre sua decisão.

– Kali, minha filha – eles lhe disseram – você tem certeza de que deseja deixar toda essa beleza na qual vive imersa?

– Meus pais, sinto um desejo forte de conhecer outros mundos. Quero encontrar pessoas diferentes. Além disso, sinto, no coração, que preciso mesmo partir. Mas prometo voltar em breve, sã e salva.

Depois de muita insistência, ambos resolveram deixá-la partir. Porém, seus pais a aconselharam dizendo para tomar muito cuidado, pois ainda permanecia na lembrança deles o que havia sucedido há alguns anos atrás.

No passado, durante a noite de lua cheia, os habitantes do mundo das águas sempre saíam para participar das festas na Terra dos Humanos, só que as pessoas nunca os aceitaram. Como os seres marinhos viviam num universo extraordinário eram vistos como criaturas estranhas que poderiam enfeitiçar pessoas. Então, por meio de encantamentos, os pajés fechavam-lhes todos os caminhos de saída para a terra. Encantamentos estes cuja força mágica era tão poderosa que os impediria de enxergar o caminho de volta. Essa magia consistia em uma das grandes dificuldades enfrentadas pelas criaturas aquáticas, além disso, eram rapidamente reconhecidas pela diferença da pele e dos cabelos.

Como Kali era a única filha, vivendo um pouco solitária, seu maior sonho desde criança era conhecer o mundo e, agora, sentia desejo de realizá-lo. E assim finalmente se viu no dia da viagem. Kali despediu-se de seus pais e partiu. A jovem conseguiu aparecer no Mundo dos Humanos sem que ninguém percebesse. Kali surgiu da água em frente à ponta de uma grande praia e, à medida que foi caminhando, suas pegadas foram ficando na areia. Andou por uma trilha em direção à mata. De repente, ouviu risadas de jovens e crianças. Continuou caminhando e ao longe escutou os velhos conversando. Tentou chegar mais perto e logo enxergou uma enorme casa com o teto de palha: uma grande maloca. De dentro da maloca ouviam-se risadas e mulheres conversando. Curiosa, Kali aproximou-se para ver. Naquele momento, as crianças que brincavam na frente espantaram-se e saíram correndo. Foram contar para os mais velhos que haviam visto uma moça muito bonita e diferente chegando à maloca. Os velhos, espantados, correram para encontrá-la. Kali ficou parada sem dizer nada. Velhos, crianças, jovens todos saíram espantados para conhecê-la. Então, logo o chefe disse:

– Alguém deve ser responsável pela aparição da moça. E complementou – é por isso que nossos antepassados sempre recomendavam que nunca devêssemos desobedecer aos conselhos dos pajés.

Ao redor dele, todos cochichavam, desconfiando que alguém da aldeia houvesse feito algo errado na maloca. Como todos estavam reunidos, o cacique perguntou:

– Será que alguma das moças desceu para o rio sem a defumação de ervas de proteção do pajé?

O silêncio era total e não houve respostas. O pajé continuou a perguntar:

– Será que alguém comeu pupunha fria?

Não houve resposta.

Naquela aldeia não se podia comer certas espécies de frutos frios, pois eles acreditavam que, se a regra fosse rompida, despertaria a fúria dos deuses dos frutos que, então, os condenariam a viver no mundo encantados das águas. Todos estavam amedrontados. O chefe continuou:

– Não é verdade! Alguém deve ser o culpado, precisamos nos reunir, vou chamar todos os pajés para investigar o que está acontecendo.

Em seguida, ele pediu para que alguns membros da maloca chamassem os pajés da redondeza e assim foi feito. Enquanto isso, Kali continuava quieta, observando tudo e todos, fora da maloca.

Com a chegada dos pajés a cerimônia iniciou-se: ervas, resina, breu, para defumação. Todos foram purificados pela fumaça, mas não conseguiram constatar nenhum culpado na maloca.

Segundo a tradição da maloca, a aparição de uma moça branca de cabelos negros e longos era sinal de morte para todos que a vissem, porque pessoas com essas características pertenciam ao Mundo dos Encantados das Águas. Os seres das cidades do fundo do rio eram vistos como mais perigosos do que aqueles do Mundo Encantado da Floresta. Finalmente, conforme já contamos, esse tipo de gente só aparecia para os que não fossem protegidos pelos encantamentos dos pajés.

A questão era encontrar uma explicação para o aparecimento da bela Kali naquela maloca. Isso estava tão difícil que a única forma que encontraram para lidar com o medo dos castigos da moça encantada foi transformá-la em um deles. E então trouxeram a moça junto aos pajés para a cerimônia da transformação. Colocaram-na sentada no meio da maloca. Primeiro defumaram o seu corpo com resina de breu, em seguida, deram-lhe um banho com as ervas perfumadas e, finalmente, frutas benzidas para comer. E assim, Kali começou a viver na maloca. Alguns membros da maloca não acharam bom de início, mas com o tempo acabaram se acostumando. A jovem vivia feliz convivendo com os humanos sempre seguindo as tradições deles, pois os efeitos dos encantamentos faziam com que Kali se esquecesse totalmente do Mundo das Águas.

Na maloca, havia muitas moças lindas e rapazes bonitos. Certo dia, as moças começaram a se incomodar com a presença de Kali. Pois ela conquistava os corações dos rapazes. Entre esses tantos moços, havia Taiwano. Um rapaz lindo que também se deixou ser seduzido por ela. Ele era o mais cobiçado entre as moças. Os dois começaram a gostar um do outro, e acabaram namorando.

Taiwano sempre saía com Kali para as praias, tocando sua flauta. Era um som suave que a deixava muito feliz. Tudo ia bem, quando as outras moças começaram a inventar estórias de Taiwano para Kali. Elas diziam para ela que ele tinha outras mulheres.

Um dia, Kali cansou-se de ouvir o que as outras jovens lhe diziam e resolveu partir sem deixar notícias. Numa noite de luar, enquanto todos dormiam, ela saiu devagar e muito triste por ter que deixar aquele lugar. Ficou olhando alguns minutos Taiwano e, em seguida, partiu.

Ao amanhecer, Taiwano notou a ausência de Kali e, assustado, saiu à sua procura, mas não a encontrou. Perguntou aos velhos, aos jovens e às crianças se alguém a tinha visto. Mas ninguém sabia de seu paradeiro. Entristecido, Taiwano começou a percorrer o Mundo dos Humanos em busca de sua querida Kali. Encontrou milhares de cidades, mas sem sucesso de notícia. Desapontado, resolveu voltar cruzando os rios e mares e, por fim, o Mundo Encantado da Floresta.

O mundo da floresta era alegre, as árvores, os insetos, os animais e as aves falavam sem parar, mas quando viram Taiwano ficaram em silêncio. De repente, Tawali, o pássaro animador, aproximou-se:

– Caro jovem Taiwano. Sei de suas saudades. Se você quiser encontrar sua querida, vá até a cidade de Temendawi e procure Téewa, a Avó dos Urubus, pois ela lhe revelará o paradeiro da jovem.

Ao terminar de dizer essas palavras, a ave voou em disparada. Taiwano pediu-lhe que voltasse, mas ela desapareceu. E a notícia o motivou ainda mais a procurá-la.

No Mundo Encantado das Florestas as folhas ajudaram Taiwano a encontrar a Téewa em sua caverna. Assim que a viu, contou-lhe sua história e disse-lhe que havia procurado Kali por todas as cidades dos humanos, inutilmente. A única notícia que recebeu no Mundo da Floresta era que Kali estaria na Cidade de Temendawi. Após ouvi-lo, a ave Téewa disse:

– Existem várias cidades no Mundo Encantado das Águas, mas nunca ouvi falar de Temendawi, mesmo assim talvez meus netos possam ajudá-lo. Então, ela pediu para que o jovem esperasse, pois seus netos costumavam chegar ao entardecer.

A tarde se aproximou, os grilos e outros bichinhos da noite começaram a cantar. E logo chegou o primeiro neto. Era um Urubu Branco, muito grande, que pousou na porta da caverna. A velha contou-lhe a história de Taiwano e perguntou ao neto se ele conhecia a tal cidade.

– Não conheço esse lugar, não – respondeu a ave – nunca ouvi falar.

Diante dessa resposta, Taiwano ficou triste. Nisso, a Velha Téewa logo o animou dizendo: – Meu jovem, espere, tenho outro neto, vamos aguardá-lo.

E assim ficaram esperando. Passado longos minutos, chegou o outro neto. Era um Urubu Marrom, que ao ser interrogado pela sua avó respondeu:

– Ando o mundo de norte a sul, conheço milhares de cidades. Eu nunca ouvi falar da existência da cidade de Temendawi.

Taiwano ficou ainda mais desanimado. Nisso, a Velha lhe disse:

– Bem, só falta um neto chegar, se ele não souber onde fica a cidade, é melhor esquecê-la e recomeçar uma nova vida. Existem muitas moças bonitas de bom coração que você poderá encontrar. Esse neto que falta chegar é trabalhador e tem ótimo temperamento. Todas as pessoas que o conhecem gostam dele e, por onde ele passa, ajuda quem precisa. Por isso, ele não pára em um único lugar, sempre tem afazeres em vários mundos. Ele costuma chegar quando já está escuro. Vamos esperar, falou a Velha Sábia.

Já estava escuro quando ouviram chegar o neto. Taiwano, ao vê-lo,

e ficou admirado com o tamanho dele, pois ele era um urubu maior que os outros dois e tinha uma das pernas machucada, suas penas eram tão bonitas, todas pretas e brilhantes. Ao pousar, foi andando lentamente por causa de sua perna e, como de costume, sua Avó o recebeu muito bem, e aproximaram-se dele. E começaram novamente a contar toda a história de Taiwano. O Urubu ficou ouvindo atentamente, e quando terminaram disse:

– Eu conheço o mundo todo e também lugares de outro mundo e todos os dias visito todas elas. Quanto à Cidade Temendawi, eu a conheço, todos os dias vou lá.

Naquele instante, o coração de Taiwano palpitou de alegria e continuou admirado ouvindo-o e perguntou: – Essa cidade fica muito distante?

O Urubu respondeu: Sim, é muito longe, por isso que demoro a voltar para casa. Amanhã será um dia especial lá, haverá o casamento da filha do cacique, e com certeza irão muitas pessoas, pois a comida será farta. Se quer ir, eu posso levá-lo, mas é muito longe. Logo Taiwano respondeu:

– Sim. Eu quero ir, não importa o tempo que dure a viagem! Então, o Urubu recomendou:

– Você terá que matar duas antas e encher dois potes grandes de água. E durante a viagem, quando eu pedir água, você me dará carne e quando eu disser carne, me dará água. Se errar, vou jogar você do alto e você morrerá. Taiwano entendeu e foi logo procurar o que o Urubu havia pedido.

No dia seguinte, Taiwano arrumou tudo que era necessário. E reencontrou o Urubu, que lhe explicou:

– São sete planetas para chegar até lá. Em cada planeta que passarmos você terá que fechar os olhos. Assim que terminou a explicação, Taiwano montou no Urubu e iniciou a longa viagem.

E, à medida que passava de um planeta ao outro, o Urubu pedia para que fechasse os olhos e Taiwano assim o fazia. Quando já faltavam dois planetas, a carne estava quase no fim, mas o Urubu continuava a pedir:

– Mais água... carne...carne... água...

E, finalmente, o Urubu disse:

– Agora feche muito bem os olhos porque esse é o último planeta.

Em cada planeta que eles passavam havia um barulho estranho, como se as portas enormes estivessem abrindo. No último planeta, o barulho foi mais intenso que em todos os outros e logo Taiwano ficou com medo.

Após a passagem do último lugar, restava só um pedacinho de carne. E logo a carne acabou. E agora? Pensou Taiwano. Se eu não der o que ele pedir, ele irá me jogar e eu morrerei. Nisso, olhou para suas coxas. E o urubu continuou:

– Mais água!

Nisso, o jovem não esperou, começou a cortar a carne de sua própria coxa. E foi cortando a cada pedido, já estava quase sem quando o urubu disse:

– Já estamos chegando perto. Podemos avistar a pequena cidade. Daqui a algumas horas já estaremos lá.

Então, após algumas horas, Taiwano avistou ao longe um campo e o urubu foi aproximando e pousou nesse local, que era afastado da cidade. Assim que desceu disse a Taiwano:

– Pode ir aonde quiser, já chegamos, eu vou ficar por aqui mesmo para esperar a comida. Mas Taiwano não podia andar. O Urubu admirado perguntou o que tinha acontecido. E ele respondeu:

– Fiquei com medo que você me jogasse lá de cima e quando a carne terminou comecei a tirar minha própria carne e dei a você.

– Então, por que não me disse? – retrucou o Urubu e, em seguida, logo começou a cuspir e assim vomitou toda a carne.

Os retalhos de carne foram sendo colados aos pedacinhos até completar toda a perna de Taiwano. Assim que isso terminou, a perna voltou ao normal e ele começou a andar. Em seguida, o Urubu disse:

– Vá, que eu ficarei por aqui.

Obedecendo às palavras do Urubu, Taiwano partiu para o centro da cidade.

Taiwano aproximou-se de uma pracinha e ficou sentado. Muitas crianças corriam alegremente e uma delas percebeu que aquele velhinho era novo na cidade. Isso porque sua viagem foi tão longa que a velhice já havia tomado conta dele. Pois no mundo dos humanos a velhice toma conta de todos, mas Taiwano não percebia.

As crianças aproximaram-se do Velhinho e lhe perguntaram:

– Vovô, o que está fazendo? Por que está triste?

Espantado porque o chamaram de Vovô, Taiwano lhes disse:

– Há muito tempo estou à procura de uma moça e até agora não a encontrei, é por isso que estou triste.

As crianças disseram:

– Hoje à noite vai ter o casamento da filha do chefe e lá estarão presentes muitas moças, quem sabe o senhor pode encontrá-la. Nós vamos levá-lo até lá. Taiwano aceitou e ficou esperando o anoitecer.

E assim as crianças o levaram até a casa do Chefe. Era uma casa muito bonita e grande, com dois andares. No andar de cima ficavam os convidados ilustres e embaixo todos que não eram considerados importantes. O velho Taiwano ficou no andar de baixo. Na cidade de Temendawi era costume fazer festa antes da cerimônia de casamento. A festa no andar de cima estava muito animada. E embaixo, ao contrário, a reunião estava bem desanimada. Nisso, as crianças perguntaram ao Velho se ele sabia tocar algum instrumento. Ele respondeu:

– Sim, quando era jovem eu tocava flauta.

Imediatamente as crianças providenciaram uma flauta e assim ele começou a animar a festa. Ela ficou tão alegre que os convidados ilustres começaram a descer para o andar de baixo. Permaneceram no andar de cima somente a família do cacique e seus membros. O Cacique, preocupado, pediu que um dos membros fosse averiguar quem estava animando a festa. E assim foi feito. O enviado, ao descer a escada, observou que o animador da festa era um velhinho. Então, contou ao Cacique que pediu imediatamente que o levasse à sua presença para que animasse a festa no andar de cima. Assim foi feito. Ao chegar próximo do Cacique, Taiwano viu que a filha dele era Kali, mas ela não o reconheceu, pois estava velho e ela continuava jovem. Ele ficou inquieto pela situação. E teve a idéia de tocar uma música que ele costumava tocar quando eles estavam namorando. Kali, ao ouvir a música, percebeu que aquele velhinho era Taiwano. Logo falou para seu pai que não queria casar com o seu noivo prometido, mas que ajudasse Taiwano a se tornar jovem. O pai concordou e logo providenciou uma bebida secreta e Kali levou até o velho e, assim que ele tomou, se transformou em jovem. Assim os dois se casaram e Taiwano passou a viver na cidade encantada das Águas. E na aldeia no Mundo

dos Humanos, o sábio Pajé, com seus poderes e rituais mágicos, conseguia ver Taiwan e contava a história para seu povo. (Texto revisado por Heloisa)